

## AS INCURSÕES DE BOLSISTAS ID'S DO PIBID: A RELAÇÃO ENTRE A TEORIA E A PRÁTICA DOCENTE

**Cristiane de Jesus Santos**

Graduando em Geografia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)  
Brasil. Bolsista de Iniciação à Docência. E-mail: cs70587@gmail.com

**Sidney Lauton Ribeiro**

Graduando em Geografia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)  
Brasil. Bolsista de Iniciação à Docência. E-mail: sidneylauton19@gmail.com

**Nereida Maria Santos Mafra De Benedictis**

Doutora em Memória, Linguagem e Sociedade. Professora Adjunta do Departamento de Geografia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia e Professora do Programa de Pós Graduação em Educação da UESB. Líder do GRUPEG - Grupo de Pesquisa no Ensino de Geografia e Membro do grupo de pesquisa NUAMSE - Núcleo de Análise em Memória Social e Espaço. E-mail: [nereidamafrabenedictis@gmail.com](mailto:nereidamafrabenedictis@gmail.com)

**Resumo:** O presente trabalho tem como objetivo relatar as experiências vivenciadas por bolsistas ID'S do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à docência (PIBID). Espera-se que tais relatos possam contribuir para a reflexão daqueles que exercem ou virão a exercer a prática docente. As experiências relatadas foram adquiridas por meio de leitura e discussões de textos, oficinas pedagógicas, observações e outras atividades realizadas no colégio. Através das experiências e conhecimentos assimilados por meio do PIBID, concluímos que tal programa é de suma importância para o aprimoramento da formação docente e um suporte para pesquisas científicas na área da educação.

**Palavras-chave:** Experiência. Relato. Vivência

### Introdução

Os relatos de experiência, a ser apresentados por meio do presente trabalho, buscam contribuir de forma significativa para a reflexão de docentes, estudantes e demais profissionais da educação no que se refere ao processo ensino-aprendizagem e no papel a ser desempenhado por cada educador na busca por melhorias na qualidade do ensino em nosso país. Cabe aqui ressaltar a relevância do termo “Educador”. Rubem Alves (1980) fala da diferença entre “Educador” e “Professor”. Para ele, professor se define como um funcionário buscando fazer seu trabalho, enquanto “educador, ao contrário, não é profissão; é vocação. E

toda vocação nasce de um grande amor, de uma grande esperança.” (ALVES, 1980, p.11). Ou seja, Educador é aquele que acima de qualquer coisa ama o que faz, valoriza a subjetividade do aluno, suas vivências, sua história e seus sonhos, e compreende que o processo de educação precisa partir dessa relação afetiva e respeitosa entre educador e educando.

As experiências foram vivenciadas por alunos do curso de Graduação em Geografia (Licenciatura), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), participantes do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), no Colégio Estadual Polivalente de Vitória da Conquista - BA (Figura 1). O colégio foi inaugurado em 1974, com um modelo de ensino tecnicista, com disciplinas do currículo comum em determinado turno e disciplinas práticas no turno oposto. O Colégio fica localizado na Avenida Guanambi, Bairro Brasil, na cidade de Vitória da Conquista - BA.



**Figura 1 - Colégio Polivalente, Vitória da Conquista**

**Fonte: Cristiane Santos (2019)**

O PIBID é um programa do Ministério da Educação ( MEC ) que busca incentivar e valorizar a carreira docente. O programa visa estabelecer uma maior parceria entre as Secretarias Municipais e Estaduais de Educação com as universidades públicas. O objetivo do programa é melhorar a qualidade do ensino nas escolas públicas e proporcionar aos discentes dos cursos de Licenciatura o contato com a sala de aula, com a realidade social das escolas, a participação em oficinas pedagógicas, contribuindo assim com a formação docente.

Nos relatos a seguir serão discutidas algumas experiências adquiridas por meio de debates, palestras, observações em sala de aula, discussão de textos e oficinas, sobre diversos temas como, objetivo da avaliação no processo educativo, pesquisa etnográfica nas escolas, o uso do lúdico no ensino, o uso dos mapas em sala de aula, entre outras. Portanto, iniciaremos a nossa abordagem enfocando sobre o diário de bordo, local onde relatamos sobre as vivências no PIBID.

### **O diário de bordo como instrumento para o registro das vivências no PIBID**

Um meio utilizado para registrar as experiências vivenciadas no PIBID é o diário de bordo. Nele, são escritas o máximo de informações e opiniões sobre os encontros realizados no Colégio e na UESB.

O diário de bordo possui importantes memórias escritas para a construção da vida acadêmica de seu observador. Entre elas, está a ordem cronológica dos fatos e a construção e reconstrução de memórias. Esses dois elementos de consulta e organização dos dados, são essenciais no caminho percorrido do observador em questão, além de serem características complementares entre si. Dessa forma, permite que seu leitor, seja ele o próprio autor ou um outro leitor do diário, faça uma reconstrução de memórias, possibilitando a criação de imagens no imaginário, por meio da leitura de tais relatos, eternizados neste documento, que são de suma importância para os discentes envolvidos.

Outro fato importante, é fazer com que o autor do relato obtenha um parâmetro para que no futuro consiga resgatar por meio do diário, como era sua preparação para o universo docente, o que pensava acerca da educação, quais pessoas estiveram envolvidas nos projetos. No diário de bordo, poderemos restaurar aquela imagem de estudante, que em meio a todas as dificuldades e superações, caminhou atrás de seus sonhos, cheios de entusiasmo, esperança e com intuito de conseguir mudar positivamente a educação. Assim, nos próximos parágrafos serão relatadas algumas de nossas experiências e atividades como bolsistas ID'S.

### **Avaliação no processo ensino-aprendizagem**

Em uma de nossas reuniões no Colégio Polivalente, assistimos a um vídeo intitulado “caminhos para a aprendizagem”, que mostrava uma entrevista com Jussara Hoffmann e Cipriano Luckesi, discutindo sobre o objetivo da avaliação no processo educativo. Jussara Hoffmann é Graduada em Letras pela UFRGS, em 1994, atualmente é uma das maiores especialistas em avaliação da aprendizagem no Brasil. Cipriano Luckesi, também especialista

em avaliação da aprendizagem, é doutor em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

O vídeo apresenta diversas discussões acerca do processo de avaliação. Para a autora, a avaliação é aplicada e entendida muitas vezes como algo punitivo, com o objetivo de reprovar o aluno que não tenha aprendido ou desenvolvido determinado conteúdo. É comum entre os alunos de todos os níveis, desde o ensino básico até a graduação, o medo da avaliação da aprendizagem, por ser do senso comum como algo que pune. Sobre as falhas e equívocos relacionados ao processo avaliativo, a autora afirma:

Nos últimos trinta anos, venho realizando encontros, cada vez mais frequentes, sobre a avaliação com grupos de professores, da educação infantil à universidade. É esse contato com diferentes realidades educacionais (escolas públicas, particulares e assistenciais, escolinhas rurais, universidades federais e particulares) que me permite perceber com clareza que a prática avaliativa do professor reproduz e (assim) revela fortemente suas vivências como estudante e como educador. (HOFFMANN, 2010, p. 12)

Portanto, o professor reproduz em sala de aula, o modelo de avaliação vivenciado como estudante. Sendo assim, para que haja uma compreensão da importância e do verdadeiro objetivo no processo avaliativo é preciso desconstruir entre os docentes e futuros docentes a imagem que se tem de avaliação como uma punição que objetiva tirar e não somar algo ao processo de ensino.

O objetivo principal da educação não deve ser a reprovação e sim a obtenção de um diagnóstico da turma para que futuramente possa se desenvolver práticas pedagógicas para melhorar o aprendizado dos alunos. A avaliação deve ser parte integrante do processo educativo. O professor ao avaliar a turma deve avaliar também a sua metodologia de ensino, de modo a questionar seus métodos de ensino e mudá-los quando necessário, pois “a avaliação é essencial à educação. Inerente e indissociável enquanto concebida como problematização, questionamento, reflexão sobre a ação.” (HOFFMANN, 2010, p. 15).

Por meio dos estudos e leituras sobre o processo avaliativo, ficou claro que a finalidade da avaliação não deve ser a de punir o aluno, se ocorrer dessa forma, estará afetando todo o processo de ensino e o aprendizado do mesmo. A avaliação deve servir como um meio de fazer um diagnóstico, para que o professor avalie coletivamente e individualmente seus alunos e a por meio dessa avaliação, se preciso, reveja seus métodos de

ensino. Assim, um novo pensar sobre o processo educativo pode ser construído partindo-se de uma avaliação da própria prática docente, da metodologia de ensino. Por isso, no próximo ponto será retratado sobre as observações que foram realizadas na escola em que o grupo do PIBID tem desenvolvido suas atividades.

### O uso do lúdico no ensino

Em uma visita do PIBID ao Colégio Rafael Spínola, localizado na Avenida Guanambi, Bairro Brasil, em Vitória da Conquista - BA, pudemos ver de perto como funciona o programa Centro Juvenil de Ciência e Cultura (Figura 2). É um programa da Secretaria de Educação do Estado da Bahia que tem como objetivo ampliar a carga horária escolar e possibilitar aos estudantes um contato com temáticas voltadas para a ciência, cultura e tecnologia, por meio de atividades lúdicas e relacionadas com o seu cotidiano. Os alunos do 9º ano do ensino fundamental ao 3º ano do ensino médio que são matriculados em qualquer colégio da rede estadual podem escolher um curso de seu interesse no turno oposto para participar. Além de Vitória da Conquista, os Centros Juvenis de Ciência e Cultura (CJCC) conta com unidades em Salvador, Senhor do Bonfim, Barreiras e Itabuna. Em nossa visita, conhecemos um projeto chamado “1+1? É mais que 2!”, em que a professora ministrava oficinas voltadas para o ensino de matemática e tecnologias.



Figura 2 - Logo do CJCC

Fonte: Caique Santos (2018)

Um outro exemplo de atividades lúdicas que conhecemos no PIBID foi uma oficina sobre ensino de África e jogos africanos, ministrada por um professor de História da UESB. Na oficina, o professor mostrou como trabalhar a história da África com base no continente africano, em sua cultura, geografia, topografia, economia, sem o olhar eurocêntrico com o qual estamos habituados. Para trabalhar com o ensino de África no ensino básico, o ministrante mostrou alguns jogos tradicionais dos povos africanos. A maioria desses jogos está relacionada com a cultura local e estratégia de guerra. Por meio deles é possível o professor trabalhar sobre a cultura e a história do país em que tais jogos foram desenvolvidos. Um dos jogos apresentados pelo professor foi o Shisima (Figura 3) desenvolvido na parte Ocidental do Quênia. O jogo é parecido com o “jogo da velha” popular aqui no Brasil, envolvendo o alinhamento de três peças na diagonal.



**Figura 3 – Shisima**

**Fonte: [www.elegbaraguine.wordpress.com](http://www.elegbaraguine.wordpress.com)**

O uso de atividades lúdicas no processo de ensino é algo que vem sendo abordado por diversos estudiosos ao longo do tempo. O filósofo Rousseau (1762) foi um dos que defendeu que a educação deve ser um processo natural, de acordo com o desenvolvimento da criança, e que os jogos como atividades pedagógicas podem ser importantes tanto para o desenvolvimento físico e intelectual, quanto para as relações sociais. O psicólogo Piaget (1974) também defendia a importância do lúdico como meio de desenvolver a capacidade intelectual. No Brasil, o movimento da Escola Nova, trouxe, entre outras questões, a

importância de se introduzir no processo educativo métodos que colocassem os alunos em atividade, deixando de serem apenas sujeitos passivos.

Os jogos e demais atividades lúdicas, proporcionam ao aluno um maior envolvimento no processo ensino aprendizagem. Ao deixar de ser apenas um receptor de conhecimento para se tornar um sujeito ativo no processo de educação o aluno pode se sentir muito mais motivado e disposto a aprender.

Ao recorrer ao uso de jogos, o professor está criando na sala de aula uma atmosfera de motivação que permite aos alunos participar ativamente do processo ensino-aprendizagem, assimilando experiências e informações e, sobretudo, incorporando atitudes e valores. (HAYDT, 2011, p. 129)

Além de motivar o aluno no processo educativo, os jogos e outras atividades como a dramatização, gincanas, atividades que envolvam um grupo, são importantes para desenvolver as relações sociais, o senso de coletividade, a busca por superar os próprios limites, a capacidade de trabalhar em grupo, entre outras questões. O lúdico é um meio eficaz na educação que pode ser muito mais explorado pelos professores do ensino básico.

Para descobrirmos sobre o benefício do uso dos recursos didáticos em sala de aula, antes é necessário realizar observações e conhecer a forma como os alunos aprendem. Assim, a pesquisa etnográfica pode proporcionar uma importante visão sobre as diversas formas de aprendizagem na escola e permitir uma qualidade no processo de ensino aprendizagem.

### **O uso da pesquisa etnográfica na escola**

Em nossos encontros no Colégio Polivalente, foram realizadas leituras de vários textos relacionados à pesquisa etnográfica. A partir da leitura dos textos, das observações em sala de aula e da vivência no cotidiano do colégio, pudemos ver a importância de conhecer a escola em sua realidade e contexto social. Tal contexto pode influenciar direta ou indiretamente no aprendizado, no comportamento e na relação dos alunos com o professor. Foi sugerido pelo grupo o desenvolvimento de uma pesquisa do tipo etnográfica no colégio que estamos inseridos, para que possamos conhecer o contexto social e cultural dos alunos, facilitando assim, futuras propostas de intervenção e monitorias didáticas.

A Etnografia surgiu no final do século XIX. É um método usado nas ciências sociais, principalmente na Antropologia. Esse método consiste no estudo do comportamento de povos

e grupos sociais através da cultura. O estudo etnográfico não deve ser apenas teórico e filosófico, o pesquisador precisa ir à campo, conhecer de perto a realidade à ser estudada e se inserir no grupo que seja seu objeto de estudo (ANDRÉ,1995).

No contexto escolar, a pesquisa do tipo etnográfico vem ganhando espaço nas últimas décadas.

A partir dos anos 80 e até os dias atuais, alguns instrumentos etnográficos passaram a ser frequentemente utilizados em pesquisas educacionais, por isso vale a pena citar alguns, são eles: observação participante, entrevista, imagens de vídeo, história de vida, questionários, dentre outros. ( MATTOS E CASTRO, 2011, p.31 )

O objetivo desse tipo de estudo na área de educação é, por meio da inserção no meio, do contato direto, conhecer mais a fundo a realidade social e cultural das escolas, para que por meio do conhecimento dessa realidade possamos aplicar intervenções que vá auxiliar o docente na aplicação das metodologias à serem empregadas, de acordo com o perfil dos grupos.

Após o estudo da etnografia na pesquisa em educação, foram desenvolvidas atividades com diversas temáticas para trabalharmos em sala de aula. Um desses temas foi abordado por um professor do Departamento de Geografia da UESB sobre “o uso da Cartografia e o uso de mapas no ensino da Geografia e em outras Ciências”.

## **A Cartografia no ensino de Geografia**

A oficina de Cartografia, o professor expôs uma grande quantidade de mapas dos mais variados tipos, mostrando de que forma os mapas podem ser utilizados como instrumento no ensino da Geografia e de outras ciências, como a Sociologia e a História. O contato visual com os mapas faz com que os alunos consigam localizar no espaço os conteúdos estudados, tornando mais fácil a compreensão.

A relação entre a Geografia e a Cartografia por muito tempo foi estreita, a ponto de as duas ciências se confundirem uma com a outra. Porém, nas últimas décadas, principalmente depois do movimento de renovação da Geografia Tradicional para a Geografia Crítica, a partir da década de 1970, as duas ciências tem se distanciado. O geógrafo Rui Moreira (2007) argumenta que o elo comum entre Geografia e Cartografia perdeu - se no tempo.

A perda desse elo é um prejuízo grande para a Geografia. A Geografia é uma ciência que tem como objeto de estudo o espaço geográfico e as relações sociais estabelecidas.



Portanto, para realizar a leitura desse espaço é necessário analisar a paisagem, que pode ser definida como a porção visível do espaço. A cartografia representa, graficamente, a paisagem, e para ler a paisagem, a Ciência Geográfica necessita da Cartografia. Por essa razão, Moreira (2007) afirma que no rompimento dessa relação “virou uma forma sem conteúdo e a geografia um conteúdo sem forma.” (p. 68).

É importante que essa relação entre a Geografia e a Cartografia seja reatada, tanto no meio acadêmico quanto na sala de aula. Esse contexto, remete para um novo repensar tanto no conteúdo, quanto na forma.

O fato é que, na escola, o mapa é, ainda, o símbolo e a forma de linguagem reconhecida da geografia. E, por isto mesmo, os programas escolares começam com as noções e expressões vocabulares da representação cartográfica. (MOREIRA, 2007, p. 67)

Os mapas são instrumentos importantes em sala de aula para que os alunos consigam fazer essa associação entre o conteúdo trazido pela Geografia (ou outra disciplina) e a forma (paisagem/espaço) representada pela cartografia.

Prosseguindo, será retratado sobre o plantão pedagógico que tivemos a oportunidade de acompanhar no Polivalente, juntamente com a nossa supervisora. Nesse plantão, foi possível perceber o quão importante e decisivo pode ser o envolvimento dos pais (ou responsáveis) no processo de educação dos filhos.

### **Plantão Pedagógico - a família no processo de ensino**

Uma das experiências mais marcantes que vivenciamos no Polivalente foi ter acompanhado de perto um plantão pedagógico. Juntamente com a supervisora do núcleo, acompanhamos o plantão em uma turma do 8º ano do ensino médio. Ter um contato com os pais dos alunos foi fundamental para conhecermos mais de perto o contexto social e familiar em que eles estão inseridos e avaliar a relação deles com a família, algo que pode ser determinante no processo de ensino e na formação do aluno como cidadão.

A família é à base de todo o desenvolvimento do sujeito enquanto pessoa e enquanto ser social. Aranha (2006, p. 96) afirma que “a família constitui local privilegiado para o desenvolvimento humano”. É na família também que se inicia a chamada educação informal, que ocorre fora das instituições de ensino, no convívio com os amigos, grupo religioso, trabalho, etc. Para a autora, “a educação dada pela família fornece o “solo” a partir do qual o

indivíduo pode agir até para, em última instância, rebelar – se contra os valores recebidos: contra esses valores, mas sempre a partir deles.” (ARANHA, 2006, p. 96)

Sociologicamente, a família exerce um papel essencial no desenvolvimento da criança. É na família que ela irá adquirir conhecimentos e valores que levarão para a sala de aula como alunos. Uma relação mais próxima entre pais e professores pode ser de grande valia para o processo educativo, pois possibilitará ao professor conhecer as “raízes” do aluno, suas experiências e os problemas pelos quais vivenciam. Esse contato permite ao professor, uma busca pela compreensão do aluno como pessoa e cultive uma melhor relação com ele em sala de aula.

### **Considerações Finais**

O PIBID é um programa que possibilita um contato prévio com o meio educacional, proporcionando a nós bolsistas a oportunidade de se inserir no meio escolar e entender sobre a estrutura do programa e a realidade da prática e formação docente. Para nós, estudantes de licenciatura, esse contato com a sala de aula logo nos primeiros semestres é de grande relevância, para que possamos conhecer às dificuldades, os desafios e também as riquezas que traz o exercício da atividade docente. O PIBID nos possibilitou diversas experiências dentro e fora da sala de aula, como relatado anteriormente. Tal programa está somando em nossa formação acadêmica, com diversas oficinas em suas reuniões gerais, na universidade, tais como os tópicos já abordados neste relato e outros temas que não foram mencionados, como a oficina de oratória, de Libras, um encontro com uma fonoaudióloga, dentre outras.

Apesar de todo o aprendizado adquirido por meio das oficinas e observações no colégio, ainda esperamos poder ver aplicado na prática algumas atividades que conhecemos apenas teoricamente, como a pesquisa etnográfica e a avaliação com fins didáticos. Todas essas atividades se aplicadas na prática, poderão ser de grande proveito para o colégio em que estamos atuando.

Além das atividades que tem aprimorado nossa formação acadêmica, o PIBID tem nos ajudado a lançar outro olhar sobre a escola. Passamos a enxergar a escola para além do que ela se mostra ser em seu ambiente físico, aprendemos a lançar um olhar muito mais humanizado. Cada aluno, professor e demais profissionais da escola, carregam consigo uma história, vivências adquiridas, problemas, sonhos e decepções. Todos esses atributos farão a diferença de alguma forma dentro do ambiente escolar e do processo de ensino. Por essa razão, a escola precisa ser analisada e compreendida dentro de seu contexto social e cultural.

O contato com a escola nos fez perceber e ter a certeza que apesar de árdua, a profissão docente, quando exercida com amor, dedicação e comprometimento, pode ser um instrumento de mudança em todos os seguimentos do nosso país.

### Referências:

ANDRÉ, M. E. D. A. **Etnografia da prática escolar**. Campinas: Papirus, 1995.

ALVES, Rubem. **Conversas com quem gosta de ensinar**, Cortez Editora; Editora autores associados, 1980.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **Filosofia da Educação**. 3. ed. Rev. e ampl. – São Paulo: Moderna, 2006.

HOFFMANN, Jussara Maria Lerch. **Avaliação: mito e desafio: uma perspectiva construtivista**. 40.ed. - Porto Alegre: Mediação, 2010.

MOREIRA, Rui. **Da região à rede e ao lugar: a nova realidade e o novo olhar geográfico sobre o mundo**. n.º 1(3), vol. 1. etc, espaço e crítica. Revista Eletrônica de Ciências Humanas e Sociais e outras coisas, 2007.

MATTOS, Carmem Lúcia Guimarães de. CASTRO, Paula Almeida de. (Orgs). **Etnografia e educação: conceitos e usos**. Campina Grande; EDUEPB, 2011.

HAYDT, Regina Célia Cazaux. **Curso de didática geral**. 1. ed. São Paulo; Ática, 2011.